

COMUNHÃO

Revista Espírita Bimestral da

COMUNHÃO ESPÍRITA CRISTÃ DE LISBOA

www.comunhaolisboa.com

ANO 39

2020

Nº 234

NOVEMBRO - DEZEMBRO

Não aderimos ao novo acordo ortográfico

Propriedade, Administração, Redacção, Composição e Impressão :	Índice	Página
Rua das Pedralvas, n.º. 1-A 1500-487 Lisboa Telefone : 217 647 441	Editorial	2
	Recordando Allan Kardec	6
	Amanhã	8
	Objectivo da Fé	10
	Ser Espírita	11
*	Ascensão	17
Director Responsável : Manuela Vasconcelos	Farnel da Fraternidade	18
	Deixou-nos um Amigo	21
	O Evangelho inspirado...	23
*	Um dia Ele veio...	28
Distribuição Gratuita	Natal com Jesus	29
	Meditação	32
*		

*

EDITORIAL

Este é o último nº. do ano decorrente, o que nos confirma o término do mesmo para breve – alguns dias somados em poucas semanas.

Olhando para trás, desde o seu início, o que poderemos dizer que ele nos trouxe?

- Este?! Este é um ano para esquecer! Só nos trouxe coisas más! – já ouvimos de alguns irmãos.

Mas... terá sido mesmo assim? E, a ser verdade, de quem foi a culpa? Do ano, que nos dá apenas aquilo que construímos para vivermos nos seus dias, bons ou maus, conforme os fizermos, ou nosso – porque não soubemos ser melhores construtores?

-Nós?! Mas como?...

Analisemos, analisemos conscienciosamente, para podermos realmente encontrar o verdadeiro “culpado”, sem condenarmos o inocente, e interroguemo-nos:

- De alguns anos até ao “hoje”, que fizemos nós de útil para o próximo e para o planeta?

- Para o próximo?!

- Sim, porque na Lei de Deus, cravada na nossa consciência para que não a esqueçamos, consta, como segundo

Mandamento, o *Ama o teu próximo como a ti mesmo*, significando isto que não devemos fazer aos outros aquilo que não queremos que os outros nos façam. E como agimos? Esquecendo o verdadeiro conceito de família, mais e mais nos fomos transformando em indivíduos com um tecto comum mas agindo e respirando individualmente, como se os companheiros só fossem reconhecidos como tal quando chegava o momento de se procurar o leito, para o repouso do corpo... e pouco mais!

Os filhos, que deviam ser acalentados com amor, desde o nascimento foram entregues a estranhos – creches – que tinham por dever cuidá-los e alimentá-los. A educação, que devia ser dada pelos pais, acompanhando ainda o seu crescimento e a maneira de ser que se ia manifestando em cada um, ficava esquecida, e, para que não incomodasse o choro da criança contrariada, poucas vezes os pais usavam o NÃO, mesmo que ele fosse necessário!

Deu-se tudo a essas crianças, que cresceram começando de pequeninas a mexerem em telemóveis, em jogos de pc... mas a quem não se ensinava a tabuada! Não lhes foi chamada a atenção para o lixo que deixavam no chão, por onde passavam, nem o respeito que se deve uns aos outros!

Deus... Deus estava dentro daquelas igrejas por onde às vezes passavam, no caminho a percorrer, e Jesus era... é aquele menino que dá os presentes do Natal – embora os coleguinhas da escola, mais velhos e mais sábios, afirmassem que os presentes são todos dados pelos pais e restantes familiares!

Paralelamente, existia a preocupação do recheio da casa, que tinha de mostrar sempre, a quem nela entrasse, o bem estar material de que usufruíam os seus possuidores; muitas das vezes nem eles mesmos gozavam desses bens adquiridos, porque a vida

que faziam era um corrupio de tal ordem, desde que saíam de casa de manhã até voltarem à noite, que não lhes concedia tempo para nada!

Ah!, mas havia as férias! É verdade: 2, 3 semanas fora do tecto habitual, todos em conjunto num simulacro familiar, muitas das vezes no estrangeiro (seria?), para depois, no trabalho, enaltecereem aquele tempo que tinha passado tão rápido!

Vidas ocas em que se malbaratou o tempo e o esforço diário, sem se procurar apertar ‘o laço’ que devia unir e estar sempre mais presente nuns e noutros: o laço do amor.

Ah, não!, afirmam alguns! A vida não é para ser vivida com sentimentos lamechas ou preocupações sentimentais! A vida é para ser levada para a frente, empurrada se for caso disso, e se com o empurrão alguns forem caindo, o problema é deles! Não vamos olhar para trás... nem parar, para levantar os caídos!...

*

De repente, e sem que nada o fizesse pensar em tal, houve uma espécie de silêncio, com uma visita inesperada que adentrou países, cidades, aldeias, vilas... e, por onde passava, ia abraçando uns e outros com abraços doentios que logo atiravam com as pessoas para os hospitais... e cemitérios!

E, em cada País, o Governo determinou obrigações, quarentenas... e uns e outros tiveram de cumprir, guardando os lares e juntando pais e filhos durante horas intermináveis que se transformaram em semanas e meses... e continua ainda, sem se saber quando terminará. E com o cumprimento das regras

estabelecidas cada um, ficando nos seus lares, pais e filhos foram-se olhando... descobrindo-se, começando a conhecer-se.

Que de amarguras o ano nos trouxe... que de revelações também!

Desde a saturação das presenças diárias – vistas mas não ‘conhecidas’ – apesar de todo o tempo de convívio!

Pais que apenas queriam colocar de novo os filhos com terceiros, por não poderem mais aturá-los; companheiros que não podiam já ouvir mais o que o outro dizia e fazia!

Com calma, devagarinho – por não haver outra solução -, muitos tentaram apenas recomeçar, aproveitando a oportunidade que a Vida lhes estava a proporcionar; e os outros? SAh, os outros! Numa primeira oportunidade desfizeram o pouco que tinham e escolheram ficarem sós.

Vamos culpar o ano?, ou vamo-nos culpar a nós que, durante muito tempo fomos acalentando o egoísmo de várias maneiras e não soubemos, num momento crucial, enfrentá-lo e combatê-lo, deixando que ele vencesse?

Recordamos o ensinamento de Jesus, *Deus sabe tanto do que se passa com cada um de nós, que até sabe dos cabelos que nos caem da cabeça*: assim sendo, temos de aceitar – porque Ele é Justo e Pai e Amor – o que tem acontecido a cada um e aproveitar o tempo que nos reste – anos? Meses? Dias? Horas? – seja o que for, e modificar o que ainda possa ser modificado, procurando transformar o mal em menos bom ou no bem que todos ambicionámos mas, até hoje, não nos preocupámos em criar. Vejamos todas estas situações como uma segunda oportunidade

que o Senhor nos está a oferecer para modificarmos o que esteja errado connosco: se o fizermos com fé, Ele nos ajudará!... e então, talvez possamos ter, neste ano que tanto nos tem marcado, talvez possamos ter – não um Natal de mesa farta e muitos presentes a distribuir e a receber, mas um Natal de Amor com Jesus!

Feliz Natal para todos... e que o próximo ano traga a cada um de nós a força e discernimento necessário para melhor nos conhecermos e modificarmos o que deva ser modificado! Muita paz para todos!

A DIRECÇÃO

*

RECORDANDO ALLAN KARDEC

Destinação da Terra – Causas das Tribulações Terrenas

Admiramo-nos de encontrar na Terra tantas maldades e paixões menos dignas, assim como enfermidades de todos os matizes, concluindo que bem triste coisa é a espécie humana. Este julgamento provém do ponto de vista bitolado em que ele se coloca e donde obtém falsa ideia do conjunto. Cumpre aqui considerar-se que na Terra não se encontra toda a Humanidade, porém muito limitada fracção dela.

A espécie humana compreende todos os seres dotados de razão e que povoam os inumeráveis mundos do universo. Assim, pois, que é a população da Terra em relação à de todos esses mundos? Muito menos que uma aldeia em relação a um grande império. A situação moral e material da Humanidade terrena nada

tem, pois, de extraordinário, se levarmos em conta o destino da Terra e a natureza dos que a habitam.

Ideia muito falsa fariamos dos habitantes de uma grande cidade se os julgássemos pela população dos seus bairros mais humildes. Num hospital só vemos enfermos e estropiados; num presídio só encontramos os vícios e más tendências; numa região insalubre a maior parte dos habitantes são pálidos, enfermiços e fracos. Pois bem, consideremos a Terra como um arrebalde, um hospital, uma penitenciária, porque ela é tudo isso a um só tempo, e compreenderemos porque as suas aflições sobrepujam os prazeres. Não se enviam aos hospitais pessoas sadias, nem às casas de correcção os que não praticaram crimes, e nem os hospitais, nem as casas de correcção são lugares de delícias.

Da mesma forma que, numa cidade, toda a população não se encontra nos hospitais ou nas prisões, assim a Humanidade inteira não se encontra na Terra; assim como saímos do hospital tão logo nos achamos curados e do cárcere quando cumprimos a pena, o homem deixará a Terra por mundos mais felizes quando estiver curado de suas enfermidades morais.

ALLAN KARDEC

(In: Evangelho Segundo o Espiritismo, ed. FEESP - SP., cap. III: Há muitas moradas na Casa de Meu Pai – n.ºs. 6 e 7).

*

AMANHÃ

“Não vos inquieteis pelo dia de amanhã porque o dia de amanhã cuidará de si mesmo. Basta a cada dia o seu cuidado.” – JESUS . (Mt. 6:34).

Se tomássemos o valor das palavras pelo que elas representam, sem atentarmos para o “*espírito que vivifica*”, ficaríamos perplexos ante muitas passagens registadas na Bíblia.

Analisando superficialmente os versículos acima, julgaríamos que o Mestre incentiva a indolência, a inércia, o ócio, a passividade ancilosante e a imprevidência junto às lutas do mundo. Mas não é bem assim... Vezes sem conto deu-nos o Meigo Rabi o testemunho do trabalho, do dinamismo e da perseverança frente às injunções da vida.

A Doutrina dos Espíritos elucida com muita clareza tudo o que está implícito sob o véu da alegoria, nas entrelinhas, enfim, do que as palavras não disseram, mas que se encontra sub-reptício.

As palavras têm valores intrínsecos e extrínsecos. Quando, por exemplo, falamos: “*o cão investiu contra a criança*”, vemos que a frase está completa e encerra um acontecimento. Porém, analisando-a com maior riqueza de detalhes e, portanto, transcendendo o valor da frase e dando asas à imaginação, passamos a mentalizar um cão feroz, com os dentes aflorados, baba escorrendo pelos cantos da boca, olhos injectados de sangue, e a pobre e indefesa criança, por sua vez, com os olhos esbugalhados de pavor. Nada disso está escrito mas está subjacente.

Infelizmente, no que se refere à exegese das frases registadas nos Evangelhos, as interpretações surgidas através dos tempos não condizem com a realidade. Entanto, Jesus sabia – de antemão -, que tal coisa sucederia. Daí a sublime promessa¹: “(...) *mas aquele Consolador* (leia-se Espiritismo) *que o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito.*” Dentro do que falamos, a frase “*vos fará lembrar*” encerra em seu bojo o princípio da reencarnação.

Vemos assim o valor das palavras, suas transcendências, seu real significado... e também que o amanhã, o futuro, trará uma abertura maior, uma ampliação do conhecimento. No amanhã se dará a colheita da sementeira de hoje.

Sempre haverá amanhã, daí o facto no qual se baseou Jesus para afirmar que “*a cada dia basta o seu cuidado*”, conclamando-nos a centralizar nossas atenções no hoje, neste hoje que está plasmando o amanhã.

Por que nos preocuparmos – hipoteticamente – com um futuro que ainda estamos construindo?! Há que se atentar para o hoje e viver como reais conhecedores das Leis Gerais do Universo.

Se hodiernamente sintonizarmos com a alcandorada mensagem do evangelho de Jesus, veremos surgir no amanhã a luminosa aurora da felicidade e do conhecimento imarcescíveis coroando nossa existência infinita para todo o sempre, vez que não existe outro caminho para o Pai Celestial senão através de Jesus.

ROGÉRIO COELHO

Manhuaçu – M. Gerais - Brasil

1 – João, 14:2 e KARDEC, Allan. *O Evangelho Seg. o Espiritismo*. 129 ed. Rio. FEB, 2009, cap. VI, item 3.

*

OBJECTIVO DA FÉ

“Alcançando o fim da vossa fé, que é a Salvação das vossas almas.” – PEDRO: (I:9).

“Qual a finalidade do esforço religioso em minha vida?” Esta é a interrogação que todos os crentes deveriam formular a si mesmos, frequentemente.

O trabalho de auto-esclarecimento abriria novos caminhos à visão espiritual.

Raramente se entrega o homem aos exercícios da fé, sem espírito de comercialismo inferior. Comumente, busca-se o templo religioso com a preocupação de ganhar alguma coisa para o dia que passa.

Raciocínios elementares, contudo, conduziriam o pensamento a mais vastas ilações.

Seria a crença tão somente recurso para facilitar certas operações mecânicas ou rudimentares da vida humana? Os irracionais, porventura, não se realizam sem maior esforço? Nutrir-se, repousar, dilatar a espécie, são característicos dos próprios seres embrionários.

O objectivo da fé constitui realização mais profunda. É a “salvação” a que se reporta a Boa-Nova, por excelência. E como Deus não nos criou para a perdição, salvar, segundo o Evangelho, significa elevar, purificar e sublimar, intensificando-se a iluminação do espírito para a Vida Eterna.

Não há vitória da claridade sem expulsão das sombras, nem elevação sem suor da subida.

A fé representa a bússola, a lâmpada acesa a orientar-nos os passos através dos obstáculos; localizá-la em ângulos inferiores do caminho é um engano de consequências desastrosas, porque, muito longe de ser uma alavanca de impulsão para baixo, é a libertadora a conduzir para cima.

EMMANUEL

(in: VINHA DE LUZ, Francisco C. Xavier. Cap. 92, Ed. 27ª. Rio de Janeiro, FEB.).

*

SER ESPÍRITA

“Aqueles que temerem confessar-se discípulos da verdade, não são dignos de ser admitidos no Reino da Verdade.” – JESUS

Veza por outra ouvimos expressões curiosas, ditas no meio espírita ou fora dele, que nos causam certa estranheza. Diante da pergunta que costumamos formular, face à conversação amistosa que se estabelece, deparamo-nos com respostas com esta:

- Quem sou eu para me considerar espírita!...

- Eu? Pretendo ser, mas...

- Espírita, eu?... Ainda não me posso considerar como tal...

Há irmãos nossos que parecem trazer, ainda vivo, do passado próximo ou remoto, um comportamento que os coloca descomprometidos com os princípios da religião e da moral. Comparecem, semanalmente, aos templos religiosos e julgam-se quites com a divindade e justificados perante a sociedade e a opinião pública. Curiosamente, não ouvimos ninguém responder como nos exemplos acima, se consultados quanto à religião que professam, ou seja, se são católicos ou protestantes. Diz o nosso estimado confrade e tribuno Divaldo Pereira Franco que ser espírita, de uns tempos para cá, dá “*status*”. E, porquê? Porque o *verdadeiro espírita* não somente é reconhecido pelo seu comportamento moral, mas é uma pessoa que está de posse de conhecimentos nos terrenos da ciência, da filosofia e da moral (tudo isto consubstanciado na religião do Espiritismo), relacionados com o psiquismo, em geral, que a leva a uma condição privilegiada no equacionamento dos mais variados problemas que a todos preocupam. Estando de posse de uma fé raciocinada, que se apoia no bom senso e na razão, o espírita tem por obrigação pensar e agir de forma condizente com os princípios contidos nos ensinamentos do Mestre e Senhor Jesus – Nosso Guia e Modelo -, como disseram os Espíritos superiores -, revividos hoje pelo Espiritismo, na condição de Paraclito prometido pelo próprio Cristo.

O comportamento do espírita diante de determinadas situações tem que ser diferente das demais criaturas que não

dispõem dos conhecimentos que a Doutrina nos oferece. Aquele que se diz proficiente do Espiritismo,

- não deve desesperar-se diante da desencarnação de um ente querido, a ponto de blasfemar contra o Criador;

- deve comportar-se de forma serena e sensata diante de uma tragédia, seja ela de que natureza for, dando assistência e colaborando naquilo que lhe seja possível;

- deparando-se com um quadro aterrador, deve comportar-se condignamente, de forma a transmitir aos demais assistentes equilíbrio e bom senso;

- deve ver em todas as criaturas à sua volta, irmãos e companheiros que se encontram jornadaando na estrada da vida, muitos deles carentes de ajuda e assistência;

- deve esforçar-se no sentido de aplicar as sentenças evangélicas, que nos recomendam fazer aos outros o que gostaríamos que eles nos fizessem e tratar todas as criaturas como desejassemos que elas nos tratassem;

- deve desincumbir-se dos compromissos para com a família, para com a sociedade e para com as actividades assistenciais da Instituição a que pertença, procurando aplicar os princípios evangélicos em suas actividades diuturnas;

- deve, por fim, assumir a condição de adepto do Espiritismo, enquadrando-se na condição de “Espírita de Fé Pública e Notória”, não se omitindo, em quaisquer ocasiões que se lhe apresentem, de se declarar espírita.

Ser espírita, na realidade, não é tão simples como se pode imaginar. Não basta frequentar, semanalmente, o Centro ou Instituição espírita de sua preferência. É importante que o proficiente e mesmo o neófito passem a integrar ou a participar das actividades da Casa, colaborando nos serviços doutrinários e assistenciais que são bastante diversificados, e que por isto mesmo atendem às mais diversas aptidões ou tendências e aos mais variados gostos dos participantes. E, por outro lado, espera-se que aquelas criaturas passem a ter procedimentos que espelhem os princípios, os postulados, os ensinamentos dos quais passaram a tomar conhecimento pela assimilação que se processa pelos variados meios de divulgação da Doutrina. Pode advir daí o receio ou o constrangimento da criatura dizer-se espírita e não agir de conformidade com o que recomenda o Espiritismo. Ou, por outro lado, ter ela procedimento que vá de encontro com o que se espera de uma pessoa que se diga adepta da Doutrina dos Espíritos ou que, simplesmente, passe a frequentar um Centro Espírita.

Talvez, por isto, seja difícil ser espírita. Ir à missa aos domingos ou frequentar o culto semanalmente, parece-nos um tanto cómodo. Ao contrário, **esforçar-se por domar as suas más inclinações** já é mais difícil, exige mais da criatura humana.

O espírita tem por obrigação estudar a Doutrina – estudo que se estende “ad vitam aeternam” -, acompanhando o seu desenvolvimento, com o que terá ele condições de enquadrar a sua vida aos princípios do Espiritismo. E assim sendo, passa a ser exigido do proficiente um comportamento condizente com o que ele assimilou. A definição dada àquele que se diz espírita de *fé pública e notória* é sintomática. Ele “será reconhecido pela sua transformação moral e pelo esforço que empreende para domar as suas más inclinações.”

Deve ele “ter um padrão de moralidade que corresponda às consequências do Espiritismo”, como escreveu o saudoso confrade Deolindo Amorim. E, por isso mesmo, “o Espiritismo não reconhece por seus adeptos senão aqueles que lhe praticam os ensinamentos e se esforçam por se melhorarem”, acentuou o Codificador Allan Kardec, quando definiu a qualidade do verdadeiro espírita.

Deolindo Amorim, escreveu em seu interessante livro “O Espiritismo e as Doutrinas Espiritualistas”, que não é possível ser-se espírita e, ao mesmo tempo, esposar princípios contrários ao Espiritismo. E diz mais aquele saudoso e culto confrade:

“Se o Espiritismo é uma Doutrina que não admite o culto de imagens, e se alguém, apesar de ler e compreender a Doutrina, adora imagens e crê no fogo do inferno e outros dogmas irreconciliáveis com o Espiritismo, evidentemente não é espírita”.

Já se disse e com razão que, depois da vinda do Cristo à Terra para oferecer à Humanidade os seus ensinamentos de AMOR, ninguém pode, em sã consciência, alegar ignorância no tocante às virtudes que Ele pregou e exemplificou: o bem, a justiça, a caridade – que é amor -, a bondade, o amor do próximo, a fraternidade, o perdão incondicional das ofensas e a solidariedade. E, sendo o Espiritismo, na actualidade, a revivência do Cristianismo, o espírita é, antes de tudo, um cristão e, como tal, deve ater-se ao cumprimento daqueles princípios, procurando exercitar as virtudes que deverão aniquilar os vícios que ainda carregamos connosco, com o que estaremos caminhando em busca da perfeição que nos compete alcançar.

O Espiritismo é, acima de tudo – sentença Emmanuel -, o processo libertador das consciências, a fim de que a visão do homem alcance horizontes mais altos. E a Doutrina Espírita

representará sempre a força do Cristianismo em acção, objectivando reerguer a alma humana e sublimar a vida, que é eterna.

Diante do que expusemos linhas atrás, a gente chega a entender a posição assumida por determinadas pessoas, quando se deparam com situações que as levam a tomar uma posição definida quanto à condição de espírita. Entendemos – vejamos bem -, mas não justificamos.

Contudo, é importante que fujamos da posição cómoda de não assumirmos a condição de espírita e adiarmos a execução daquele esforço de *domar as nossas más inclinações*, transferindo “sine die” o trabalho da nossa reforma interior, ou reforma íntima, que representa o supremo objectivo da Doutrina dos Espíritos.

Não nos esqueçamos da advertência amorosa, mas ao mesmo tempo firme, do Mestre e Senhor Jesus, de que **“Aquele que me negar diante dos homens, também eu o negarei diante de meu Pai...”**.

ALFREDO MIRANDA PRADO

(In: Revista Internacional de Espiritismo, de Matão – S.P., Brasil, Agosto de 1993).

*

ASCENSÃO

A uma velha capa que S. João deixou
A Virgem Maria ainda a aproveitou...
 Escolhendo a parte menos gasta e poluída,
 Desfaz-lhe as costuras, tira-lhe a medida,
Talha uma roupinha para uma criança,
Que era a mais rotinha da vizinhança.
 Prestes a alinhava, logo a cose e prova.
 Que linda, que linda! Parecia nova...
Nesse tempo a Virgem quantos anos tinha?
Não ficou a conta. Era já velhinha...
 Dava o sol nas casas; brasas de fogueira...
 Horas de descanso, horas de quebreira,
- E da idade, e de cansaço e de calor –
Lento a invade toda, um dólido torpor...
 Fecham-se-lhe os olhos, e descai-lhe a agulha...
 ... Passa uma andorinha, uma rolinha arrulha.
As mãos escorregam, ficam-lhe pependentes...
As cigarras cantam nos trigais dormentes.
 E a pendida fronte ainda mais pendeu...
 E a sonhar com Deus, com Deus adormeceu...
Pôs-lhe o manto um anjo, curva-se a compô-lo
E outros anjos descem, pegam nela ao colo...
 Com as leves mãos (penugens de andorinhas)
 Vão-na embalando como às criancinhas...
E embalando voam, lá se vão com Ela!...
Já lá vai mais alta que a mais alta estrela!...
 Outros anjos chegam, querem-na cantar,
 - Caluda, caluda, que pode acordar...
Que as almas dos justos um hino concertem!

Silêncio, silêncio. Que não a despertem...
 Jesus abre os braços e já quer beijá-la,
 Mas pára, detém-se, que pode acordá-la!...
E a Mãe da Senhora pediu-lhe a sorrir:
- Mais logo... Mais logo... Deixai-a dormir!

AUGUSTO GIL

1873 – 1929

(In: Alba Plena – vida de Nossa Senhora, 1916).

*

FARNEL DA FRATERNIDADE

Ergui para meu Senhor um templo inatingível no santuário de minha alma. Nele, dentro dos rituais dos sentimentos, cultuei o Senhor na alegoria em que o egoísmo se transvestira em adoração fugaz.

Adornei o altar com um candelabro de sete braços, simbolizando as dádivas de minha alma, iluminada pelo amor.

Na adoração, isolei-me dos homens sem dar ouvidos aos apelos do mundo, julgando que servia o Criador.

Lembro-me que, um dia, fui arrancado de minha adoração pela voz de uma criança. Aborrecido pela intromissão, que me obrigava a interromper a contemplação, cheguei à janela descerrando-a parcialmente para que o altar ao fosse profanado por olhares ímpios.

Uma criança, desnuda, descalça e frágil, pedia-me pão. Eu o possuía abundantemente mas, se o providenciasse para atender seu pedido, interromperia o culto votivo.

Sem responder fiz-lhe um gesto de negativa, mostrando-lhe a estrada. Que a seguisse, sem perturbar a prece de um cristão devoto.

Ao voltar, espantei-me por perceber que as 7 velas estavam apagadas e o livro que deixara fechado sobre o altar estava aberto. Aproximei-me; estava escrito: TIVE FOME E DESTES-ME DE COMER.

Quem abriu o livro, se eu estava só e o vento não perpassara suas folhas?

Percebi que das velas do candelabro pingavam lágrimas de cêra.

Compreendi a ordem. Corri para a janela, chamando pela criança maltrapilha que caminhava tristemente pela estrada que eu lhe indicara.

Abri as portas, matei-lhe a fome, agasalhando aquele corpo maltratado.

Antes que partisse ofereci-lhe um farnel, que o sustentaria por longo tempo.

Retornei ao santuário. As velas estavam acesas e o livro aberto em outra página. Pude ler: SE ME AMAS, APASCENTA AS MINHAS OVELHAS.

Compreendi a mensagem. Antes que o sol se pusesse, vendi o candelabro de ouro, os mármore do altar, as toalhas de linho, o ouro e a púrpura do meu manto.

Com o que foi arrecadado fiz um farnel repleto de pão e agasalho, amor e compreensão.

Tranquei a porta do templo saindo pelo mundo, carregando o farnel da fraternidade, em busca das ovelhas perdidas do rebanho do meu Senhor.

Encontrei milhares delas e à medida que as atendia, aumentavam os elementos que o compunham.

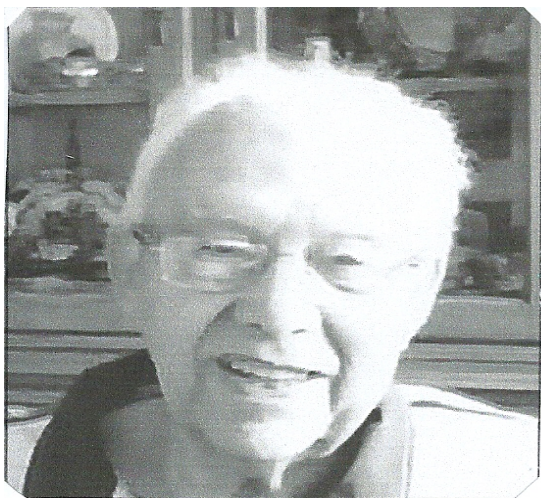
Nas noites de repouso, jamais vi cair lágrimas dos olhos de nenhuma estrela, das que enfeitava o céu da minha esperança.

Isto é motivo de muita alegria, é um sinal que o Senhor aceitou o culto da minha alma na transcendência da mensagem fraterna do amor cristão.

GONZAGA

(Mensagem mediúnica, recebida em 20.3.87 pela médium brasileira Célia Lucchesi de Carvalho; transcrita da nossa revista COMUNHÃO, nº. 39, de Novembro/Dezembro de 1987).

*



DEIXOU-NOS UM AMIGO

No dia 22 de Setembro tinha feito 91 anos e no dia 19 de Outubro, logo de manhãzinha, como quem tem pressa de apanhar o “comboio”, tomou o seu lugar na carruagem e deixou-nos!

ARNALDO SOARES DE AZEVEDO, amigo de há longos anos, espírita da velha guarda!

Quando nos encontrávamos, via-o sempre interessado em encontrar coisas novas que mais incentivassem os colaboradores e frequentadores da “sua” Comunhão... sua porque, há vários anos atrás, sonhou para ela uma Casa própria, e quando viu o sonho concretizado respirou fundo como se uma das suas obrigações nesta vivência se tivesse cumprido!

Estudante imparável, procurando sempre enriquecer o conhecimento que já adquirira, para ele havia sempre uma leitura nova a fazer, um texto novo a analisar...

Das vezes que o visitávamos, a ele e à Isaurinha, sua esposa de há 66 anos, pudemos observar a maneira como se dava com todos, como a todos tentava ajudar, fosse com a palavra amiga, o conselho, ou com aquele gesto feito de maneira que mais ninguém visse mas que iria satisfazer a necessidade de alguém...

A nossa COMUNHÃO também criou, com ele, uma dívida de gratidão, com o auxílio que lhe deu quando das obras que se fizeram para a mudança de instalações... e, apesar de não a frequentar, devido à distância entre a sua morada e a nossa, houve sempre nele, de longos anos a esta parte, a maneira de nos ajudar com uma quota.

Deixou-nos agora... Das suas últimas palavras, ficou-nos a recordação de mais um livro que tinha descoberto e que nós deveríamos ler também!

Trabalhador incansável, com certeza que, do Lado de Lá, não ficará muito tempo parado porque a palavra “trabalho” acompanhou sempre o seu dia a dia... Que o Senhor o abençoe e fortaleça para que, brevemente, seja mais um Irmão a auxiliar-nos e orientar-nos os passos, enquanto nos mantivermos... deste lado da Vida!

*

O EVANGELHO INSPIRADO POR PAULO

Existem divergências a respeito da influência de Paulo sobre Lucas na elaboração do terceiro Evangelho. NO Dicionário Bíblico de Mckenzie, encontramos a afirmativa de que “embora Lucas fosse companheiro e discípulo de Paulo, as ideias paulinas características não se acham expressas em Lucas”, no entanto o sábio e estudioso Carlos Torres Pastorino assegura que Lucas escreveu o seu evangelho interpretando o pensamento de Paulo, a quem acompanhava nas viagens apostólicas.

A Doutrina Espírita, provando cientificamente a comunicabilidade entre o mundo visível e o invisível e a mediunidade de Chico Xavier, ajudam-nos a compreender e aceitar a influência do Apóstolo dos Gentios na obra do seu discípulo Lucas.

Conta-nos Emmanuel que o convertido de Damasco, estando em Êfeso, “visitou a Mãe de Jesus na sua casa singela, que dava para o mar.” Foi a primeira vez que Paulo ficou frente a frente com Maria de Nazaré. Impressionado, ouviu as recordações dela “a respeito da noite do nascimento do Mestre, gravou no íntimo suas divinas impressões e prometeu voltar na primeira oportunidade, a fim de recolher os dados indispensáveis ao **Evangelho que pretendia escrever para os cristãos do futuro**”. (Pág. 434 – grifo do autor).

Mas o apóstolo, em atendimento ao seu ministério, não se demorou em Êfeso e demandou a Jerusalém. “Vencidas as lutas indefessas – diz Emmanuel -, deliberou regressar a Êfeso interessado na feitura do Evangelho decalcado nas recordações de Maria”. Infelizmente para todos os cristãos de hoje, não foi

daquela vez que Paulo conseguiu o seu intento, pois em Êfeso ficou ao lado de João Marcos, envolvido com as divergências entre os cooperadores da Igreja do Cristo naquela cidade. Solicitado, abraçou, com a determinação que sempre lhe caracterizou o apostolado, a luta em defesa das ideias do seu Mestre Amado, combatendo a influência perniciosa dos israelitas comerciantes que se locupletavam financeiramente, vendendo estátuas e outros fetiches ligados ao culto da deusa Diana. Em virtude de suas pregações, que modificara as preferências do povo, não mais se interessando pelo culto exterior, os israelitas sentiram-se soberbamente prejudicados, forçando a que Paulo procurasse outras paragens para a sementeira de suas ideias.

Paulo, considerando que até os pobres artesãos estavam sendo pressionados pelos altos comerciantes, resolveu partir... Foi quando João lhe perguntou:

- “Mas não pretendes escrever o Evangelho, consoante as recordações de Maria?”

E Paulo confirmou mais uma vez o seu desejo, respondendo que **se não voltasse enviaria um companheiro para colher as devidas anotações** (grifo do autor). Quando recluso em Cesareia, diz-nos Emmanuel que ele “chamou a atenção de Lucas para o velho projecto de escrever uma biografia de Jesus, valendo-se das informações de Maria” (pág. 482). Percebemos, pelas narrações de seu biógrafo, que Paulo se mantinha firme no seu propósito, o qual deve tê-lo acompanhado no mundo espiritual. O Apóstolo Tarcense sempre foi resoluto. Nada que iniciou fazer ficou pela metade, quando dependeu de sua vontade indômita e do seu esforço. Sabemos que o Espírito, mantendo sua individualidade após a desencarnação, permanece alimentando o desejo de concluir os projectos esboçados quando na vida material.

Para tanto, busca quem lhe capte as ideias, inspirando-o na direcção daquele intento. E foi Lucas quem ele, sem dúvida, procurou para que realizasse o seu elevado sonho: a feitura de um Evangelho para os cristãos do futuro. “O médico amigo satisfêz-lhe integralmente o desejo”, e é por essa razão, com certeza, que lemos em Lucas, 2:19: “Maria, contudo, conservava cuidadosamente todos esses acontecimentos e os meditava em seu coração”, dando-nos a entender que esteve com Ela, atendendo o pedido de Paulo, colhendo valiosas informações. A verdade é que o seu Evangelho tem algo de novo sobre a infância de Jesus, que provavelmente já fora revelado pelo Lírio de Nazaré, no primeiro encontro com Paulo e reafirmado ao seu discípulo querido. Nenhum outro evangelista nos oferece dados biográficos da sua infância e juventude de Jesus tanto quanto Lucas.

Lucas foi o “médico querido (2 Cor., 12:7) que acompanhou Paulo nas suas duas últimas viagens apostólicas (Atos, 16:10 e 20:5s). Nascido na Antioquia, era grego puro de nascimento e de raça. Era um gentio na concepção do povo judeu. Associou-se ao Apóstolo em Trôade, quando ouviu dele a seguinte observação, após tê-lo convidado para que o acompanhasse: “Até agora tens curado corpos, que, de qualquer modo, cedo ou tarde hão-de perecer. Tratar do Espírito não seria um esforço mais justo?” Sem hesitar, Lucas seguiu com ele para a Macedónia, numa missão evangelizadora (pág. 406).

Segundo Pastorino, Lucas escreveu o seu Evangelho, como já dissemos, calcado no pensamento de Paulo, e o Pe. Matos Soares, na sua Bíblia Sagrada, diz que ele é “o porta-voz das ideias e das palavras de Paulo”. A Bíblia de Jerusalém afirma que “como em São Paulo e nos Atos, o Espírito Santo ocupa um lugar de primazia que só Lucas sublinha”, permitindo inferir que o Evangelista é o porta-voz do Convertido de Damasco.

Mais alguns passos nesse raciocínio e a certeza vai aumentando no sentido de que o Terceiro Evangelho foi feito em parceria. Lucas faz questão de repetir a insistência de um desapego decidido e absoluto das riquezas e do que se possuía de mais caro, tendo como modelo o seu mestre, que assim agiu e se entregou intemorato à Seara do Senhor (6:34s; 12:33; 14, 12-14 e 14, 25-34). Somente Lucas contém a afirmação de que Jesus veio ao mundo para salvar o que estava perdido (os pecadores) (19,10). Esse ensinamento leva-nos a Paulo, quando escreve sua Primeira Epístola a Timóteo: “Cristo veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o primeiro” (1,15).

Analisemos o aspecto do universalismo que é bastante acentuado no Evangelho de Lucas. Lucien Lucien Cerfaux (Dic. Bíblico), sustenta que esse universalismo é resultado da união das tradições primitivas com o cristianismo helenista de Antioquia e com a pregação de Paulo. Essa concepção universalista de Paulo a respeito da mensagem do Cristo encontra-se sintetizada neste discurso resgatado pela mediunidade de Chico Xavier: “É indispensável sacudir o marasmo da instituição de Jerusalém, chamando os incircuncisos, os pecadores, os que estejam fora da lei. De outro modo, dentro de alguns poucos anos, Jesus será apresentado como aventureiro vulgar.” (Paulo e Estevão, pág. 327)... E Lucas ouviu e viveu com intensidade, ao lado de Paulo, esta concepção. Acreditava neste universalismo; tinha que acreditar, pois era um gentio convertido e queria o Cristo para ele também. Chama-nos a atenção o facto de Lucas não repetir Mateus em 10,5, quando diz: “Não tomeis o caminho dos gentios...” Ora! Não fora exactamente esse caminho o palmilhado por ele ao lado de Paulo?

Quanto ao tempo em que surgiu o Evangelho de Lucas, as opiniões divergem. A escala oscila entre os anos 55 (Pe. Matos Soares) até 90 (Léon Denis). Um dado nos ajuda a ficar com o surgimento dele após a morte de Paulo. Emmanuel nos informa que ele foi decapitado no ano 67. Ora, Lucas esteve com Paulo no seu cativo em Roma, pouco antes de sua morte, encontrando o Apóstolo abatido e preocupado com o destino do Cristianismo. Sente-se só, a ponto de escrever a Timóteo, dizendo: “Somente Lucas está comigo.” (2Tm, 4,11). Somos de opinião que se o “médico amado” já tivesse escrito a Boa Nova com as recordações de Maria, teria dado a notícia alvissareira ao Apóstolo, que tanto necessitava de estímulo naquela hora. Concluimos acreditando que somente depois de 67, quando Paulo já estava no Mundo Espiritual, é que surgiu o Evangelho sonhado por ele, com grandes possibilidades de que tenha actuado mediunicamente sobre o seu querido amigo Lucas.

WALDEHIR BEZERRA DE ALMEIDA

Bibliografia:

EMMANUEL / XAVIER, Francisco Cândido: “Paulo e Estevão”, 17ª ed. FEB;
PASTORINO, Carlos Torres: “Sabedoria do Evangelho”, vol. I;
MCKENZIE, John L.: Dicionário Bíblico, 1ª. Ed., edições Paulinas;
BÍBLIA DE JERUSALÉM, 1ª Ed., edições Paulinas;
SOARES, Pe. Matos: Bíblia Sagrada, 6ª ed. Edições Paulinas.

(In: “Revista Internacional de Espiritismo”, de Matão – S.P., Brasil, Junho de 1994).

*

UM DIA, ELE VEIO...

Um dia Ele veio...
Chegou de mansinho
E a Estrela indicou o caminho
Aos pastorinhos
Para O irem ver e adorar...
E os Reis Magos, na sabedoria
Dos seus conhecimentos,
Não hesitaram mais qualquer momento
Para O procurar!...
Entre nós ficou, entre nós cresceu...
E os ensinamentos que nos deu
Perduram até hoje
Ultrapassando o Tempo!
Um dia, Ele veio,
Chegou de mansinho...
Verdade, Vida, Caminho,
Assim se identificou para nós.
E como ontem, hoje e sempre sua voz
Dirá da mesma forma, com a ternura do Irmão
Que não quer ver os outros tombados no chão:
- Bem-Aventurados os mansos, os misericordiosos,
E os pobres de espírito! Os que têm fome e sede de justiça...
Bem-Aventurados os que choram e os limpos de coração!...
Um dia, Ele veio: chegou de mansinho:
Atirámos-Lhe pedras ao caminho, matámos-Lo...
Mas ficou entre nós!

MANUELA

NATAL COM JESUS

Não nos recordamos dos primeiros natais que acompanharam a nossa meninice... Aqueles que recorde já foram passados em Angola, primeiramente em Moçâmedes, depois Sá da Bandeira – ou Lubango -, e, os últimos, em Luanda, estes de 1949 a 1954... Em Moçâmedes, ainda no tempo da guerra, foram passados, principalmente, na praia, coincidindo a época natalícia com o princípio das férias grandes, que duravam de Janeiro a Março.

E, com a guerra, o Menino Jesus era pobrezinho a ‘deixar os seus presentes’, nos sapatinhos que deixávamos por detrás da porta da rua, para ele não perder muito tempo a correr a casa toda, à procura do local onde os deveria deixar, porque havia muitos mais meninos que aguardavam a sua dádiva; e a dádiva era, invariavelmente, conforme aquilo que nos fosse mais necessário, umas peças de roupa ou uns sapatos – sapatos ou sandálias, que naquele tempo ainda não tinham sido inventados os ténis!

E a nossa admiração – se admiração havia – é que ele sabia sempre, mas sempre, as nossas medidas e nunca por nunca se enganava!

Conforme os anos foram passando, e a recordação da guerra – finalmente terminada – foi ficando para trás, os natais foram sendo um pouco melhores, porque melhor a qualidade de vida...

Não me lembro quando é que o Menino Jesus foi substituído pelo Pai Natal, mas recorde ainda o ano em que o órgão da Igreja de Moçâmedes passou toda aquela época a tocar a

música linda que tinha sido ‘descoberta’ naquele ano: a ‘Noite Feliz’! No final da mesma, todos tínhamos aprendido e já todos a cantávamos!

Mas, falando de Pai Natal... até concordo com a substituição porque, afinal, é sempre aquele Pai, aquela Mãe Natal que deixa os presentes... e com um sacrifício maior ou menor, que não sabíamos entender, lá íamos encontrando mais um vestido, uns sapatos, uns livros de histórias, porque adorávamos ler, um relógio, quando nos tornámos mais crescidos... tão crescidos que, de filhos, passámos a pais, a avós... também a tios, e a época natalícia repetia-se com a mesma alegria e entusiasmo, como se o darmos às nossas crianças nos recordasse aquela outra época, já distante, em que também o fôramos...

Com o regresso a Portugal, depois do 25 de Abril e independência de Moçambique, para onde fôramos viver em 1955, e o desencarne – que foi acontecendo – dos familiares mais chegados e dos outros distantes, aconteceu estarmos sós, quando o Natal chegou... e os amigos Isaurinha e Arnaldo, do Norte, sabendo-nos só convidaram-nos a irmos passar aqueles dias com eles... e fomos... e4 foi mais do que uma vez!

O dia que anunciava a Consoada, a acontecer mais logo, pela noite fora, visto assim à distância, faz-nos recordar o poema do João Coelho dos Santos, no seu livro “Lágrima do Mar” - aquele que começa assim:

Mulheres atarefadas / Tratam do bacalhau / Do peru, das rabanadas. / -Não esqueças o colorau, / O azeite e o bolo-r4ei! / - Está bem, eu sei! / E as garrafas de vinho? / Já vão a caminho... (...).

...e a Isaurinha não parava, e cada um de nós a tentar acompanhá-la e ajudá-la... e a Carminho, também da casa dela a surgir, de vez em quando, com mais uma travessa de aletria, de filhoses, de... de... para se pôr depois na mesa, quando chegasse a hora! O Arnaldo ia partindo as nozes, as amêndoas, atendia as chamadas telefônicas e fazia-as também, e abria a porta a quem ia batendo, a deixar os seus votos de Feliz Natal e Boas-Festas...

Tudo pronto, prestes a começar o jantar, fomos – cada um - arranjarmo-nos, para depois nos sentarmos todos à mesa... Já eram quase horas... E chegaram a Carminho, o Domingos, o Nuno e a Paulinha... e estávamos nós: todos sentados ao redor da mesa, com as batatas, o bacalhau, as pencas cozidas...

Nesse momento, e antes de nos começarmos a servir, o Arnaldo deu as mãos a quem estava à sua esquerda e direita e todos fizemos o mesmo, num círculo que se fechou com o último dar de mãos, e ele começou então a prece, invocando Jesus, o Divino Amigo, a Criança cujo nascimento se festejava.

Enquanto ele orava, senti uma paz imensa descer sobre todos nós... instalou-se no meu, nos nossos corações... e quando a sua voz se calou, e o círculo se desfez, foi como se, naquele momento, cada um sentisse que Jesus tinha chegado e estava ali entre todos nós!

E então, aconteceu... Natal!

MANUELA

MEDITAÇÃO

Louvado seja Deus nosso Senhor, que nos dá a aurora que desabrocha a flor espalhando o seu perfume.

Durante a escuridão da noite, eis que as plantas em flor preparam suas essências para brindar a aurora de um novo dia. Como que em agradecimento ao Criador, oferecem ao Pai aquilo que possuem de mais precioso, vestidas com tanta graça e beleza que nem Salomão em toda a sua glória se vestia igual. Agradecidas pela dádiva da vida, basta uns poucos raios do irmão Sol ou da irmã Lua, como São Francisco de Assis (o poverello) chamava os astros, banhando suas pétalas, para que elas se abram perfumando o ambiente como o hálito do Criador, que nos envolve a todos, os cristãos, muçulmanos, judeus, hindus, budistas, todos flores do grande Jardim de Deus. Assim como as simples flores, trabalhem também para produzir a melhor essência de nós mesmo, para ofertar ao Pai a mais perfeita oferenda que irá lhe agradar, mais que qualquer outra coisa material – nosso espírito puro.

MARCO ANTÓNIO S. PEREIRA

(In: ‘Livro das Horas do Cruzeiro do Sul’, do autor).